



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Palavras e mais palavras... conversas e mais conversas! E vivemos num mundo cheio de palavras “fiadas” e “afiadas”, algumas espadas caluniosas, mortíferas até! Não faltam emissores radiofónicos, canais de televisão... não faltam jornais e revistas, páginas de facebook e sítios “web”... proliferam comentadores que quase se atropelam em comentários, tantas vezes ociosos e de “terra” que não a nossa que, em linguagem televisiva, só servem mesmo para “encher chouriços”. Não faltam papéis e documentos para tudo e para nada, livros e publicações aos montes, e muitos só servem mesmo para “lançamento”! E viva o “reino” das palavras!

Todos querem falar, todos querem ser ouvidos e, no meio de tanta palavra junta, cada um fala mais alto que outro para se fazer ouvir e a vida até parece um mercado onde cada um apregoa o seu peixe ao melhor preço, pois, na realidade, o que cada um quer mesmo é “vender o seu peixinho”.

Cada um quer fazer valer o seu programa, o seu ponto de vista, a sua proposta e promessa: todos querem que seja a sua palavra a vingar e, lá no cimo da Montanha, no silêncio do ser discípulo, resplandece o “Filho muito amado e ecoa o convite: “Escutai-O”. E o que ouvimos? Quem ouvimos? Esvai-se a esperança e cada vez mais ficamos desiludidos com as humanas palavras, tantas vezes ocas e carentes de sentido e de vida e já não há “voz” que nos valha, mesmo que mude de apresentador pois o problema não é de apresentação mas de conteúdo e começamos a não acreditar em nada e em ninguém. Já vimos estes “mascarados” e estes “brothers” em muitos e tantos lados e, mesmo assim, já ninguém quer ir ao “confessionário”. O homem deste tempo vai se transfigurando num emaranhado de dúvidas, desconfianças e incertezas, quando a transfiguração é algo de muito mais profundo e interior. Falta, ao fim e ao cabo, Palavra! Pois as “palavras” o vento leva-as enquanto a Palavra permanece. Ela provém do Muito amado! E quando nos deixamos transfigurar pela Palavra, a primeira tentação é ficarmos no quentinho, no morno, no choco interior que nos protege do gelo de uma humanidade cheia de letras mas que não conseguem formar palavras, cheia de frases que não produzem vida. Hum... é tão bom estarmos aqui! Ah, pois é! O problema é que o mundo e a Igreja estão cheios de gente do “quentinho”, e do “rebombom” da montanha e se recusam a descer para a terra verdadeira onde habitam! Há quem goste deste “confinamento” da Igreja que acomoda a uma celebração de sofá, perna cruzada e, talvez, uma chávena de chá ao calor de um aquecedor! “É tão bom estarmos aqui!”

A transfiguração acontece para que desçamos, para que saíamos do comodismo passivo das palavras e passemos para a “inquietação” da vida. Penso na multidão imensa de gente que se há-de “constipar” quando acabar este “fique em casa” e tiver de vir para a rua do dia-a-dia e apanhar com o “frio” pela cara!

Gente transfigurada que desce do monte precisa-se!

A Quaresma é para descer e... inquietar! E esta é a “VOZ”: “Este é o meu filho muito amado: Escutai-O!”. Se ouvirem outra voz tratem-se pois estão ouvindo vozes!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

II DOMINGO DA QUARESMA

Ano B

1ª Leitura

Génesis 22,1-2.9a.10-13.15-18

O sacrifício do nosso Patriarca

Abraão

2ª Leitura

Romanos 8,31b-34

Deus não poupou o seu próprio

Filho

Evangelho

São Marcos 9,2-10

Este é o meu Filho muito amado: escutai-O!



Neste segundo Domingo da Quaresma, a Palavra que Deus nos oferece define o caminho que o verdadeiro discípulo de Jesus deve seguir para atingir a vida nova: é o caminho da escuta atenta de Deus e dos seus projectos, o caminho da obediência total e radical aos planos do Pai. O Evangelho apresenta-nos a transfiguração de Jesus no alto monte. Recorrendo a elementos simbólicos do Antigo Testamento, São Marcos apresenta-nos uma catequese sobre Jesus, o Filho amado de Deus, que vai concretizar o seu projecto libertador em favor dos

homens através do dom da sua vida. Aos discípulos, desanimados e assustados, Jesus diz: o caminho do dom da vida não conduz ao fracasso, mas à vida plena e definitiva. Segui-O, vós também. Os três discípulos, testemunhas da transfiguração, perante Jesus transfigurado, parecem não ter muita vontade de “descer à terra” e enfrentar o mundo e os problemas dos homens. Representam todos aqueles que vivem de olhos postos no céu, alheados da realidade concreta do mundo, sem vontade de intervir para o renovar e transformar. No entanto, ser seguidor de Jesus obriga a

“regressar ao mundo” para testemunhar aos homens que a realização autêntica está no dom da vida; obriga a atolarmo-nos no mundo, nos seus problemas e dramas, a fim de dar o nosso contributo para o aparecimento de um mundo mais justo e mais feliz. A religião não é um ópio que nos adormece, mas um compromisso com Deus, que se faz compromisso de amor com o mundo e com os homens. Na primeira leitura é-nos apresentada a figura de Abraão como paradigma de uma certa atitude diante de Deus. Abraão é o homem de fé, que vive numa constante escuta de Deus, que aceita os apelos de Deus e que lhes responde com a obediência total, mesmo quando os planos de Deus parecem ir contra os seus sonhos e projectos pessoais. Nesta perspectiva, Abraão é o modelo do crente que percebe o projecto de Deus e o segue de todo o coração. A segunda leitura lembra-nos a todos que Deus ama-nos com um amor imenso e eterno. A melhor prova desse amor é Jesus Cristo, o Filho amado de Deus que morreu para ensinar ao homem o caminho da vida verdadeira.

SABIAS QUE...



... no passado dia 22 de Fevereiro a Igreja celebrou a festa da “Cadeira de São Pedro”?

Podendo a designação desta festa litúrgica parecer, à primeira vista, intrigante, trata-se de um celebração muito antiga assinalada em Roma desde finais do século IV.

A Igreja, com esta festa litúrgica, celebra, efectivamente, a importância e a graça que é para Si e para todos nós, cristãos católicos, a “cátedra” de São Pedro. A “cátedra” significa, literalmente, a sede fixa de um bispo localizada na catedral, a sede mãe, da diocese, simbolizando, deste modo, a autoridade do bispo e do seu magistério, magistério de evangelização que ele, como

sucessor dos apóstolos, é chamado a transmitir à comunidade cristã e, em particular, à comunidade constituída pela sua diocese.

Assim, é neste sentido que a festa que celebra a “cátedra” de São Pedro se torna tão relevante de ser vivida em pleno e em comunhão por todos os cristãos, uma vez que a mesma tem um forte significado espiritual enquanto sinal do amor de Deus para a reunião de toda a Sua Igreja no caminho da salvação que para Ela indica.

Reconhecendo-se, em Roma, cidade que assistiu à última fase do magistério de São Pedro e, também, ao seu martírio, a “cátedra” de São Pedro, a “cátedra” do Bispo de Roma, apóstolo encarregue, por Jesus, de “apascentar” todo o Seu rebanho - “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16,18) - representa o serviço à comunidade de Roma mas, sobretudo, o serviço a toda a comunidade cristã universal e a sua missão de guia de todo o Povo de Deus.

Unamo-nos, pois, nesta celebração litúrgica agradecendo o serviço de todos aqueles que tiveram por missão serem o Bispo de Roma e, por conseguinte, Papas da Igreja, pedindo, de forma especial, pela saúde do nosso Papa emérito Bento XVI e pelo nosso Papa Francisco para que continue a ser luz nova, clara e motivadora de toda a comunidade cristã.

POR CÁ

Pastoral Juvenil propõe Meditar... Orar... Viver!



O Serviço Diocesano de Apoio à Pastoral Juvenil retomou, nesta Quaresma, após um período de interregno, a publicação diária, nas suas redes sociais, de um momento de meditação e oração.

Para o Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil, “estas meditações pretendem, através da Palavra, das imagens e da música, proporcionar aos jovens, e a todos os que a elas acederem, um momento de meditação e oração a partir do Evangelho de cada dia, levando à vivência de uma determinada atitude ou valor. Ao fim e ao cabo, quer-se oferecer mais uma ferramenta que ajude os jovens a projectar e a viver cada dia, fomentando, também, a escuta da Palavra de Deus e ajudando-os a rezar”,

adiantou o Pe. Norberto Brum, Director Diocesano da Pastoral Juvenil.

“Desde a sua primeira edição, a 17 Janeiro de 2016, estes minutos de meditação e oração diários têm colhido as melhores críticas não só por parte dos jovens como de toda a comunidade, tendo vindo a atingir milhares de visualizações, o que diz da sua utilidade”, afirma o Pe. Norberto para quem, este facto “constitui um desafio no sentido de se proporcionar outras e novas formas de meditação e oração capazes de responder às necessidades dos nossos jovens”.

Estas pequenas meditações podem ser seguidas, diariamente, através da página do Facebook da Pastoral Juvenil Diocesana (pju comunicação).

POR LÁ

Papa declara venerável sacerdote português

No passado dia 20 de Fevereiro, o Papa Francisco reconheceu as virtudes heróicas e declarou venerável o sacerdote português Albino Alves da Cunha e Silva, natural de Braga, onde nasceu em 1882, tendo falecido no Brasil, em 1973. O padre Albino Alves da Cunha e Silva nasceu no dia 21 de Setembro de 1882, na aldeia de Codeçoso, em Celorico de Basto, Arquidiocese de Braga, e em 1912 refugiou-se no Brasil na sequência da perseguição religiosa por ocasião da proclamação da República, em 1910.

O padre Albino desembarcou no Rio de Janeiro com 30 anos, passou por Jaboticabal, Jaú, Barra Bonita e fixou-se em Catanduva, em 1918, onde permaneceu até à sua morte, a 19 de Setembro de 1973.

Em Catanduva, o padre Albino Alves da Cunha e Silva construiu a Igreja Matriz, a Santa Casa da Misericórdia, o “Lar de Idosos” e a Faculdade de Medicina que fundou junto ao hospital.

Em 2014, por ocasião do encerramento do processo diocesano de canonização do padre Albino, D. Jorge Ortiga, arcebispo de Braga disse que o sacerdote, nascido na aldeia de Codeçoso, não é apenas “um simples filantropo ou alguém com a capacidade motivadora das pessoas para causas marcadas pela preocupação do bem comum”.

A tramitação do processo relativo a um católico morto com fama de santo passa

por várias etapas.

Aos bispos diocesanos compete o direito de investigar acerca da vida, virtudes ou martírio e fama de santidade ou de martírio, milagres aduzidos, e ainda, se for o caso, do culto antigo do Servo de Deus, cuja canonização se pede.

Este levantamento de informações é enviado à Santa Sé: se o exame dos documentos for positivo, o “servo de Deus” é proclamado “venerável”.

A segunda etapa do processo consiste no exame dos milagres atribuídos à intercessão do “venerável”; se um destes milagres é considerado autêntico, o “venerável” é considerado “beato”.

Quando após a beatificação se verifica um outro milagre devidamente reconhecido, o beato é proclamado “santo”.

A canonização, acto reservado ao Papa, é a confirmação por parte da Igreja de que um fiel católico é digno de culto público universal (no caso dos beatos, o culto é diocesano) e de ser dado aos fiéis como intercessor e modelo de santidade.



ENTRE NÓS...

Uma paragem necessária



Estamos a caminhar, alegres e cansados, tristes por vezes e com a alegria de quem vai chegar à meta, a uma meta que nem sempre é clara ou objetiva. Caminhamos, aliás, corremos todos os dias, numa vida atarefada que não dá espaço para uma paragem. Andamos pelas estradas, sem olhar para os semáforos ou para as passadeiras e nem os sinais de stop, tão necessários na nossa vida, respeitamos devidamente.

Esta pressa, tão inimiga da perfeição, leva-nos a um acumular de situações que nos fazem questionar tudo e todos: sou capaz?; vale a pena esta correria?; que meta posso e quero atingir?

Tanta questão que se põe, perguntas que se sucedem, sem que demos espaço para ouvir as respostas, tempo para amadurecermos o seu conteúdo, disponibilidade para entender e aceitar o que nos é dito.

Então, não haverá alternativa? Como podemos alterar esta ansiedade que sentimos na nossa vida? Temos as ferramentas necessárias a esta mudança?

Como nos diz o cântico, é na oração que encontramos calma, é na oração que encontramos paz. Orar leva-nos a uma paragem, a um confronto com nós mesmos,

permite olharmo-nos com o tempo necessário.

Na Carta aos Efésios, São Paulo recomenda-nos “orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos”.

É, por isso, que a oração é uma ferramenta verdadeiramente rica para o nosso dia a dia. E se a vida quotidiana nem sempre é propícia a estes momentos, pois sejamos capazes de os aproveitar sempre que nos são oferecidos.

Mesmo que reconheçamos a necessidade e riqueza da oração, logo somos tentados a argumentar a falta de tempo e de opções. Quando e onde podemos ter a oportunidade de olharmos para nós mesmos, de termos um verdadeiro encontro com o nosso Amigo Jesus?

Os momentos de oração, de adoração, que desde sempre ouvimos falar pelo Tempo da Quaresma, parecem-nos tão distantes por vezes. Jesus, adornado, parece quase inalcançável, como se não O conseguíssemos ver. Não nos deixemos levar por esta cegueira, afinal só é cego quem realmente não quiser ver.

O Lausperene é esta oportunidade de encontro, saibamos desfrutar dela, de fazer desta paragem uma viragem na nossa vida, ao nosso ritmo. Um momento de encontro feito de silêncio e das nossas palavras. As palavras não precisam ser bonitas ou as frases bem construídas: apenas é importante a sinceridade do silêncio, do que se diz, no que se agradece, e mesmo no que se pede.

Não nos esqueçamos, Jesus está sempre lá, à nossa espera, aberto para uma conversa sincera. E, para além de falarmos sempre, acalmemos o nosso coração e escutemos a Sua voz. Se temos duas orelhas e uma boca, talvez seja porque a escuta é fundamental na nossa vida. Estarmos dispostos a ouvir o que é necessário, não o que nos é mais agradável ou mais fácil.

Novamente, este é um exercício que requer disponibilidade interior, tempo, paciência e prática. Sejamos firmes, como nos foi deixado na Carta aos Colossenses: “perseverai em oração, velando nela com ação de graças”.

Nesta certeza, façamos da caminhada da Quaresma uma caminhada de oração, de louvor, de ação de graças. E correspondendo ao Amor do nosso Amigo Jesus, só poderemos ser mais felizes.